

Última Parada

DANTEcultural visita mais três cidades - Salto, Itu e Sorocaba - e encerra a série especial sobre a presença das comunidades italianas no interior de São Paulo

Pela terceira vez, a reportagem da DANTEcultural saiu de São Paulo em busca de emoção. Emoção exalada pelos entrevistados, colhida no momento em que faziam suas confissões, contavam suas memórias e seus sonhos ou simplesmente mostravam um retrato antigo, guardado há décadas e que, mesmo amarelado, traz a imagem de pais, avós e bisavós que deixaram a Itália para semear os seus frutos em terras brasileiras.

Na pequena cidade de Salto, os frutos vingaram. Trata-se de uma realidade muito distante daquela em que, “no Brasil, em se plantando tudo dá”. Neste caso, valeu a força da semente, o suor que a regou e as mãos calejadas que a fizeram brotar. Os amigos José Odair Peron e José Pavanelli, respectivamente, presidente e secretário da “Sociedade Italiana Giuseppe Verdi” da cidade, são provas vivas desse ciclo. Ao contar sobre o desenvolvimento de suas famílias, desde a vinda dos seus avós imigrantes, nota-se que o tom da voz se transforma em um misto de respeito, orgulho, admiração e saudade.

“A italianidade está em tudo na minha vida. Religião, moral, respeito, sistema de família... tudo”, diz Peron. Seu avô chegou ao Brasil em 1894, vindo de Pádua. Sobre todo o processo de instalação e adaptação ao novo país, as lembranças são muitas. “É um passado

do qual nos orgulhamos muito”, sorri. “O que eles passaram para os filhos é que só se consegue alguma coisa lutando, e com honestidade, claro. Além disso, havia a questão da honra, da dignidade. A palavra empenhada tinha que ser mantida a qualquer preço e a qualquer custo”, aponta seu colega Pavanelli.

“Aqui em Salto, fui aluno da escola italiana. Até hoje dá para saber se alguém estudou lá pela caligrafia da pessoa”, afirma o secretário. A escola italiana a que ele se refere chamava-se Anita Garibaldi e fazia parte da “Sociedade Italiana Giuseppe Verdi”, que neste mês de agosto completa 106 anos. A Sociedade, que fica justamente no prédio em que um dia funcionou a escola, oferece aos associados curso de língua, conta com um coral e, a cada virada de estação, organiza uma missa em italiano. “Além disso, procuramos estar inseridos em um movimento mais atualizado da italianidade, como através de intercâmbios e visitas a empresários e industriais que vêm da Itália”, completa Peron.

Perto dali, no apartamento do historiador Ettore Liberalesso, outras reminiscências provariam com maior exatidão a influência dos italianos na formação de Salto. A memória impecável de Liberalesso revolve o passado, trazendo datas, “causos” e impressões. “Em casa se faziam 15 pães, e a metade era dada para a vizinha. E, sempre que a vizinha fazia na casa



Ao lado, Ettore Liberalesso, historiador da cidade de Salto. À direita, de cima para baixo: os amigos José Odair Peron (esq.) e José Pavanelli, o Conservatório Municipal Maestro Henrique Castellari, que um dia foi o famoso Hotel Saturno, e Andrea Ruggeri, presidente do Centro da Emigração Italiana.

dela, retribuía a doação. Havia um grande intercâmbio entre as famílias italianas”, recorda. Sobre a influência dessas famílias na construção de Salto, ele detalha: “Tínhamos uma banda, um teatro, uma escola ítalo-brasileira, havia várias casas comerciais de propriedade de italianos, as indústrias, enfim, a influência era muito grande. Tivemos até um jornal em língua italiana. As colônias de outras nacionalidades não conseguiam esses feitos, porque eram muito limitadas numericamente.” Em Salto, outro destaque da comunidade italiana do início do século passado foi Saturno Begossi, que construiu um hotel que levava o seu nome. A fama do estabelecimento correu o estado e chegou a romper os limites do Brasil: “Jornais e revistas da época, até na Itália, noticiavam que, quem viesse ao Brasil, devia passar em Salto para conhecer o Hotel Saturno. O destaque era a qualidade dos vinhos e da comida italiana que serviam. Oferecia-se também um serviço de barco para os hóspedes que quisessem passear pelo rio Tietê”, conta Liberalesso.

Mas nem todas as histórias são felizes: “Em 1914, o Begossi convenceu seus dois filhos, que eram bem moços, a ir para a I Guerra Mundial. Dizia que estava mandando os meninos para a glória, mas todos os parentes afirmavam que era para a morte. Os dois morreram na Itália”, relata o historiador.

Após meia hora de entrevista, entre idas e vindas na linha do tempo de Salto, a campanha tocou. Ettore Liberalesso aguardava a visita de Rubens Milioni, seu amigo de longa data, que também daria o seu testemunho sobre a italianidade de Salto e, principalmente, sobre a que corre em suas próprias veias: “Minha avó era dessas senhoras italianas bravas, rigorosas e boa cozinheira. Lembro-me da mesa de refeição, que era bem longa. Sentavam-se 10, 12 pessoas, no mínimo. Lembro-me da boa macarronada, do bom vinho e, nos dias de semana, da boa polenta.” Milioni foi o primeiro presidente brasileiro da “Sociedade Italiana Giuseppe Verdi”, de 1978 a 1982.

A poucos quilômetros dali, em uma fazenda na cidade de Itu, a **DANTEcultural** encontraria outra pessoa que enche a boca e cresce os olhos para falar de polenta (e também de outros pratos típicos que prepara para os seus clientes) - Célia Regina Hacker. Apesar do sobrenome,





que vem do marido Luiz Henrique Hacker, que por sua vez é descendente de alemães, Célia traz no sangue a italianidade dos seus avós, os Morelli e os Francischinelli. Ela e Luiz são os donos da Fazenda do Chocolate, que oferece turismo rural e pedagógico, com lago, cascata e diversas espécies de animais.

No lugar permanece vivo o espírito do imigrante italiano, principalmente do que chegou ali para trabalhar nas plantações de café. Por isso, a fazenda conserva uma capela construída em 1925, onde eram rezadas as missas dos estrangeiros. Além disso, o visitante pode conhecer o museu, montado sob o teto da casa de taipa que abrigava os imigrantes, com a estrutura original mantida. Cozinha, quartos e sala, todo o ambiente foi reconstruído à imitação do que era na época, com móveis e objetos antigos.

Se o italiano é um dos povos que mais preza pela conservação de suas tradições, é justamente por meio de objetos inanimados que gosta de mostrar a sua cultura e o seu passado, seja uma máquina de escrever, um chapéu, uma máscara veneziana ou uma moeda, que valem para contar também as histórias de outras pessoas. É como se houvesse vida impregnada nesses objetos. Basta reparar nas peças que Andrea Ruggeri

mantém em seu escritório, sede do Centro da Emigração Italiana (CEI), também em Itu.

O relato de Ruggeri difere um pouco do dos outros entrevistados. As suas histórias não remetem à chegada dos imigrantes após uma cansativa viagem de navio, nem ao estabelecimento de seus avós como trabalhadores nas plantações de café. Isso porque ele nasceu na Itália, e só veio ao Brasil em 1989, trabalhando como professor de arte.

Seu papel e seu entusiasmo em trabalhar na CEI são facilmente compreendidos quando ele diz: “Ou você volta para a Itália ou trabalha com esse tema, nem que seja um minuto por dia. Tenho que me sentir ligado ao meu país de origem. O brasileiro tem saudade, o italiano tem nostalgia. No segundo caso, além da vontade de voltar e de estar naquele lugar, remete a particularidades que fazem parte da história do homem, como o Coliseu. É mais cultural. É essa nostalgia que me instiga a trabalhar com a comunidade italiana.” E, se alguém ficou na dúvida dessa “nostalgia” que Ruggeri sente, ele completa: “Nasci na Emília, filho de pais sicilianos e avós toscanos. Estudei perto de Roma, vivi em Livorno e adoro a Calábria. Amo o norte e o centro. Roma, Florença e Veneza são portas para o passado. Enfim, gosto de ser italiano.”

À esquerda, coleção de carros Ferrari na sede do Centro da Emigração Italiana. À direita, igreja construída em 1925, na Fazenda do Chocolate.



A CEI, como ele explica, “trabalha com cursos de língua, cursos técnicos, revitalização da italianidade, recuperação de documentos históricos, trabalho social... não podemos nos fechar só no discurso da italianidade, temos que viver a sociedade na qual estamos inseridos”. Exemplo desse “viver a sociedade” é a *lan house*, que recentemente foi solicitada pelos associados mais jovens da CEI, interessados no acesso à internet e aos jogos em rede. “Eles querem uma *lan*, então daremos. Mas inteiramente na língua italiana. Por exemplo, a pessoa não vai jogar o *Soccer*, vai jogar o *Calcio*, que é o campeonato de futebol italiano.” O esporte é outra ferramenta importante para incutir a cultura italiana nas novas cabeças. “Nós nos unimos a uma escolinha de futebol e o nome do time passou a ser *Azzurra*. Em 8 anos conquistamos vários títulos importantes”, aponta.

Assim como José Odair Peron, da “Sociedade Italiana Giuseppe Verdi” de Salto, Ruggeri entende que “a italianidade tem que ser vivida no passado e no presente, tem que se integrar com toda a Itália e também com o Brasil. É como passear por uma estrada. Temos que conhecer lugares antigos e históricos, claro, mas de dentro de um carro novo e moderno”. Se Itu é conhecida como a cidade das grandezas, onde alguns objetos foram

construídos em escala exagerada, como um telefone público, um semáforo de rua e outras atrações pelas quais o município ficou famoso, existe outra característica menos divulgada, que os próprios habitantes desconhecem: “Itu é chamada de 'Roma brasileira'. Isso se deve ao grande número de igrejas, conventos, seminários e praças. Muitos artistas vieram da Itália para realizar esse trabalho urbano. Exemplo é uma pintura da Igreja Matriz, feita por Lavinia Cereda, que foi um dos raros casos de um artista do sexo feminino que fez um afresco religioso”, conta Ruggeri.

A idéia de conservar e valorizar a tradição compreendendo a necessidade de se acompanharem os avanços do mundo e da sociedade parece ganhar uma legião cada vez maior de seguidores. Em Sorocaba, a maior cidade visitada pela reportagem da DANTEcultural desde o primeiro capítulo desta série, calcula-se que a comunidade italiana chegue a 40% de um total de aproximadamente 550 mil habitantes. Lá, Stefano Ghisio Erba, presidente da Comunidade Italiana no Brasil (CIB), é também o *Viceconsole d'Italia* de toda a região. Para ele, “qualquer comunidade, para se sentir unida, tem que ter um ponto de referência. Pode ser uma associação, desde que seja realmente atuante, e não se limite a promover

Museu da Fazenda do Chocolate.
A construção abrigava os imigrantes italianos que trabalhavam nas plantações de café da fazenda.



apenas festas. Claro, a festa é muito importante porque ajuda a congregar e a familiarizar as pessoas, mas não é só isso. Deve-se, sobretudo, trabalhar com a educação, como curso de línguas e de cultura italiana”.

Assim como Ruggeri, Erba também é nascido na Itália, mas está há mais tempo no Brasil, - desde 1977. E, também como Ruggeri, diverte-se ao explicar sua origem: “Meu pai é de uma família de Pavia, cidade próxima a Milão. Minha mãe é nascida na Sardenha. O pai da minha mãe é da Puglia, e a mãe dela é de Marche. E eu nasci em Roma.”

Mesmo assim, ele afirma que se adaptou muito bem ao povo dos trópicos. Entre brasileiros e italianos, aliás, essa relação sempre pareceu de mútua amizade e intercâmbio. “O Brasil festeja o aniversário da República Italiana, e é uma das poucas nações, se não a única, que faz essa comemoração. Isso porque, em muitos lugares deste país, além da comunidade ser grande, ela é forte e representativa”, avalia. “Encontro muitos descendentes que não têm a cidadania, mas que são mais italianos do que os próprios, que nasceram e vieram de lá”, aponta.

Contudo, ele reconhece alguns obstáculos e até algumas perdas na manutenção da italianidade no Brasil. Muitas associações têm visto cair o número de adesões, enquanto outras chegam a parar suas atividades por falta de pessoas que busquem essa integração. Quanto ao desinteresse das pessoas, Erba concorda com Ruggeri: deve-se atrair cada vez mais os jovens, e não apenas com festas, mas com outras atividades que prendam sua atenção, como o esporte, por exemplo. Além disso, mais que aulas de línguas, é importante ensinar a cultura do povo italiano, entendendo-se por “cultura” a definição do próprio presidente da CIB: “Quando a gente fala em passar cultura para as pessoas, não fala apenas sobre literatura, música clássica... Fala de toda uma bagagem de experiências, sejam elas negativas ou positivas, que uma pessoa possa ter.”

Erba ainda teria muito a dizer sobre o papel e a importância das associações, mas, conversando com um italiano, é impossível não abordar a gastronomia. Mesmo porque já era noite e, após mais de duas horas de entrevista, o apetite já desviava o assunto. “Isso sempre foi motivo de discussão com a minha família. Minha esposa é brasileira, e meus filhos

À esquerda, imagens do interior do Museu da Fazenda do Chocolate. Abaixo, Stefano Erba, presidente da Comunidade Italiana no Brasil.

nasceram aqui. Bem, gosto de arroz e feijão sim, mas o brasileiro gosta de fazer aquele prato enorme, com bife e salada, tudo junto. Eu prefiro meu *primo piatto*, *secondo piatto* e assim por diante. Disso eu não abro mão”, confessa. Além disso, ele segue religiosamente outras tradições gastronômicas: “Tem que ser azeite italiano, e não é questão de preconceito. Trago da Itália, só que dura pouco tempo. Tomate também. Tem que ser o *pelato*. Não sou nacionalista, mas é uma questão cultural.”

É o que pensa o casal Layla e Graziano Bartoli, italianos como Erba e como Andrea Ruggeri. Marido e esposa vieram de Pádua em 1984: “Saímos de lá porque aquele foi um ano difícil, não se conseguia achar trabalho. Tínhamos um amigo que já morava aqui, mas nossa vinda não era definitiva. E acabamos ficando”, relata Layla.

No Brasil, ela entrou em uma escola de idiomas e começou a ensinar o italiano. E foi por influência de alguns alunos, após muitos pedidos e até algumas “exigências”, que ela e o marido resolveram abrir um restaurante, onde trabalham juntos até hoje. “Na família, lá em Pádua, eu já tinha antecedentes de restaurante: meu pai e meu irmão tinham um”, conta. Para os sorocabanos, felizmente ela não quebrou a corrente. No cardápio, claro, receitas típicas da Velha Bota.

“Em casa é comida italiana. É questão de hábito, de como se foi criado desde criança.

Não quero dizer que todo dia comemos macarrão. Mas, por exemplo, não comemos tudo misturado. E continuo gostando de pouco molho sobre a massa, ao contrário do que se costuma fazer aqui”, conta.

“A questão é que o italiano tem a mania de querer comer o *spaghetti* do jeito que a *mamma* faz, mesmo estando no exterior”, elucida Stefano Erba. E, logo em seguida, pondera: “Mas, se tem uma coisa que eu adoro, é uma boa feijoada”, ri. E, claro, como as tradições não ficam apenas na cozinha, Layla afirma que, com sua netinha, faz questão de falar em italiano. E foi em italiano que, ao sair do restaurante, o casal Bartoli se despediu da reportagem: “*Ciao, ci vediamo!*” A viagem chegava ao fim.

Depois de 9 cidades visitadas (além de Salto, Itu e Sorocaba, outros seis lugares já haviam sido visitados: Itatiba, Itapira e Jarinu, em julho de 2005, e Matão, Taquaritinga e Jaboticabal, em janeiro de 2006), aproximadamente 1.200 quilômetros rodados e mais de 12 horas de gravação ouvidas, a DANTEcultural encerrou em Sorocaba a série especial que trouxe aos leitores um pouco das reminiscências da comunidade italiana no interior de São Paulo. Difícil escolher o relato mais vibrante, ou o passado mais comovido. O importante foi constatar que as histórias estão lá, vivas, presentes. E parece que ficarão assim por muito tempo. ▣

Em Itu, na sede do Centro da Emigração Italiana, placa com os nomes das famílias de imigrantes residentes na cidade.

